

Memórias do gol: narrativas e disputas de sentido entre torcedores

Memories of the Goal:
Narratives and Disputes of Perception among Football Fans

Leonardo Turchi Pacheco

Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, Brasil
Doutor em História Social da Cultura, UFMG
leonardoturchi@gmail.com

Édison Gastaldo

Centro de Estudos de Pessoal do Forte Duque de Caxias, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutorado em Multimeios, Instituto de Artes da UNICAMP

RESUMO: O artigo tem como proposta analisar as narrativas e disputas de sentido entre os torcedores flamenguistas sobre o evento intitulado o “Gol do Pet” na final do Campeonato Carioca de 2001. Para tal, faz uso da base de dados do projeto “Torcedores: vida, paixão e morte no país do futebol” composta por 112 entrevistas de torcedores de diversas regiões do Brasil. Destas foram selecionadas cinco para refletir sobre a construção da memória como processo social e de disputa que entrelaça as dimensões de temporalidade, compreensão de técnica corporal e autoridade.

PALAVRAS-CHAVE: Torcedores, Memória, Narrativa.

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze the narratives and the disputes of perception among Flamengo’s football fans of an event entitled “Pet’s Goal” at the decision of the Carioca’s Championship of 2001. In order to so we employed the database of the project “Football Fans: life, passion and death in the country of football” comprised of 112 interviews of football fans from a series of regions of Brazil. Five out of one hundred and twelve were selected. Through these narratives, it was possible to reflect upon the construction of memory as a social process and highlight its disputes that intertwine the dimensions of temporality, corporal techniques perceptions and authority.

KEYWORDS: Football Fans; Memory; Narratives.

INTRODUÇÃO

É falta na entrada da área
Adivinha quem vai bater?
É o camisa 10 da Gávea
É o camisa 10 da Gávea

Jorge Ben, “Camisa 10 da Gávea”, 1976.

Desde a proposição da noção de “representações coletivas”, ainda nos primórdios da Sociologia, Émile Durkheim¹ alertava para a importância que representações sociais compartilhadas coletivamente tinham para a vida de uma sociedade, e percebia que neste processo de semiose coletiva residia o coração de uma cultura. Na sociedade brasileira, pelo menos desde o início do século XX, o interesse coletivamente compartilhado por assuntos do futebol tornou este esporte um poderoso elemento de identificação social. A adesão gratuita e aparentemente espontânea a uma “torcida” faz parte de um dos rituais de sociabilidade fundamentais da cultura brasileira contemporânea. Ainda que apenas nominalmente, no Brasil “ter um time” é um atributo de identidade pessoal esperado de qualquer pessoa, tanto quanto ter um Estado/região de nascença, um sobrenome, estado civil ou um signo no zodíaco.

“Ter um time” e torcer por ele é pertencer a uma comunidade imaginada e compartilhar uma série de experiências e afetividades em conjunto.² E pertencer a uma comunidade torcedora resulta não somente em ser ensinado a lembrar seletivamente de certos mitos, anedotas e tradições (e esquecer outras), mas também compartilhá-las, e nesse sentido, produzir e reproduzir memórias de eventos passados que extrapolam a duração dos 90 minutos de uma partida de futebol.

Compreende-se que esse trabalho de construção e reconstrução de memória³ contempla o esforço coletivo em reviver mitos, anedotas e tradições no cotidiano.⁴ Portanto, é a reminiscência de uma temporalidade experimentada em primeira pessoa ou em narrativas de outrem revivida e acrescida pelo novo olhar de um

¹ DURKHEIM. *Os pensadores*, 1978.

² DAMO. *Futebol e identidade social*, p. 12.

³ BOSI. *Memória e sociedade*, 1994.

⁴ DAMO. *Futebol e identidade social*, p. 56-57.

sujeito que narra na temporalidade do presente um evento do passado. Acrescente-se a isso o fato de que acionar a memória para narrar um evento passado não é uma tarefa das mais simples. Trata-se de uma iniciativa complexa, que envolve negociações e disputas individuais e coletivas sobre a “verdade” dos acontecimentos encadeados no evento.

Como argumenta Pollak, ao pensar a abordagem construtivista da memória social e das disputas entre memórias oficiais, marginalizadas ou subterrâneas:

Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. [...] A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes.⁵

O fato é que as memórias entre torcedores de futebol, quando articuladas em concorrência, se constroem a partir de descontinuidades, lacunas, distorções e exageros para reforçar o protagonismo da comunidade afetiva (o clube do coração). Mas também pode ser acionada para diminuir, desmerecer ou mesmo esquecer e silenciar as qualidades da alteridade (o clube ou clubes rivais) ou ainda ressignificá-las, de modo a enaltecer as próprias qualidades da comunidade afetiva do narrador/a.

Em vista disso, neste artigo vamos explorar alguns elementos do processo social de produção de memórias acerca do futebol a partir de relatos da rememoração de um evento esportivo que ocorreu há mais de 20 anos: o chamado “Gol do Pet”, ocorrido na final do campeonato carioca de 2001 – apesar de ser apenas um belo gol em cobrança de falta, este evento, pelas suas circunstâncias, ficou registrado na memória de inúmeros torcedores como um momento sublime, mágico, inesquecível.

Para tanto, o artigo foi subdividido em três seções além dessa introdução e da conclusão. A primeira se constitui em uma abordagem teórica sobre a memória social. Indica-se tanto a sua construção, multiplicidade e seletividade quanto as negociações e disputas por espaços, sentidos, acontecimentos e temporalidades que ela enseja. A segunda seção se apresenta como um preâmbulo para a análise do evento “Gol do Pet” e trata de maneira sumária das especificidades do Campeonato

⁵ POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio, p. 4.

Carioca de 2001. Na terceira seção foram utilizadas como base de dados para análise as entrevistas do Projeto Torcedores,⁶ composta por 112 depoimentos de estilo ‘história de vida’ de torcedores comuns de todo o Brasil. Deste modo, a nossa análise seleciona um trecho de cinco minutos do documentário “Torcedores: vida, paixão e morte no país do futebol” no qual torcedores do Flamengo rememoram o seu “gol inesquecível”, no caso, o “gol do Pet”. Neste trecho, editou-se uma mescla de relatos de cinco entrevistas diferentes. A partir daí, ampliou-se a busca utilizando a totalidade das cinco entrevistas individuais com torcedores flamenguistas. Tendo em conta essas entrevistas, as nossas análises enfocam as dimensões da temporalidade, da corporeidade dos atletas, da presença no evento e da autoridade das narrativas para revelar as disputas de sentido sobre o “gol do Pet”.

Antes de encerrar essas linhas introdutórias é importante ressaltar que o Projeto Torcedores, do qual as entrevistas são o material utilizado para a construção da análise na terceira seção, foi realizado entre 2014 e 2017, com financiamento do CNPq e Ministério dos Esportes, e envolveu mais de duas dezenas de Universidades e Instituições de pesquisa em treze Estados do Brasil, sob a coordenação do Prof. Dr. Édison Gastaldo.

O objetivo do projeto era realizar um grande número de entrevistas estilo história de vida com torcedores comuns de todas as regiões do país, e disponibilizar a base de dados resultante gratuitamente para outros/as pesquisadores/as.

Ao longo dos três anos de duração do projeto, foram gravadas 112 entrevistas com torcedores de mais de 50 equipes diferentes, em um mosaico de amplitude nacional do fenômeno da afeição futebolística em perspectiva microssociológica. A partir da base de dados resultante do projeto, uma série de produtos foi desenvolvida, incluindo um documentário longa metragem,⁷ um livro⁸ e uma exposição multimídia, ainda inédita. Além disso, cada entrevista de torcedores/as individuais foi finalizada como um vídeo independente, podendo ser livremente acessada no YouTube,⁹ permitindo clivagens por faixa etária, por gênero, por estado, por clube, etc.

⁶ GASTALDO. *Torcedores*, 2017.

⁷ TORCEDORES, 2019.

⁸ GASTALDO. *Torcedores*, 2017.

⁹ O canal do Projeto Torcedores no YouTube está disponível em: <https://bit.ly/3Mlw2we>.

A MEMÓRIA SOCIAL COMO CAMPO DE DISPUTAS

Quando se detém sobre a memória, Halbwachs¹⁰ enfatiza a sua dimensão social. Isso porque, em sua perspectiva, as lembranças, mesmo que múltiplas e plurais, são construídas pela coletividade. Mesmo as lembranças individuais de acontecimentos passados são devedoras da comunidade afetiva em que o indivíduo rememorador se insere. Nesse caso, são os quadros de referência da memória coletiva que são fornecidos aos indivíduos para interpretar os acontecimentos experimentados na prática ou fornecidos pela experiência de outros.

Portanto, para Halbwachs, a memória social seria coletiva e construída através do trabalho de relembrar os acontecimentos passados no presente. A memória se configura assim como um trabalho de construção e reconstrução de experiências e temporalidades¹¹ associando acontecimentos passados a narrativas no presente. Nessa direção, Ecléa Bosi argumenta que: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.¹²

Corroborando com Halbwachs, Pierre Nora, quando problematiza os lugares de memória como espaços cristalizados que pretendem controlar lembranças efêmeras, que se não fossem guardadas seriam esquecidas, compreende que uma característica primordial da memória social é ser múltipla. No entanto, esse autor chama a atenção para as ambiguidades que a compõem: a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.¹³

É Michael Pollak¹⁴ que, ao trabalhar a associação entre memória e identidade, oferece uma série de elementos constitutivos da memória social, sendo ela coletiva ou individual. Para esse autor, a memória seria constituída por acontecimentos vividos pessoalmente, mas também por acontecimentos “vividos por tabela”, pelos

¹⁰ HALBWACHS. *A memória coletiva*, 1990.

¹¹ PINTO. *Os muitos tempos da memória*, 1998.

¹² BOSI. *Memória e sociedade*, p. 55.

¹³ NORA. *Entre memória e história*, p. 9.

¹⁴ POLLAK. *Memória e identidade social*, 1992.

olhos da coletividade, das memórias herdadas pela comunidade afetiva. A memória seria constituída por pessoas, personagens e lugares que podem irromper em sentimentos de pertencimento. Além disso, a memória é um fenômeno construído e é uma experiência de lembrança seletiva que demarca fronteiras, continuidades temporais e coerências identitárias. É um espaço de conflito e negociações entre o eu e o outro enquanto grupos em disputa por espaços, símbolos, sentidos, acontecimentos e temporalidades.

Nos termos de Pollak:

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção de identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros. [...] Se é possível o confronto entre memória individual e a memória dos outros, isso mostra que *a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.*¹⁵

Em suma, por ser construída, trabalhada, múltipla, coletiva e encerrar sentimentos de pertença, sentimentos de identidade e demarcação de diferenças, a memória pode se transformar em campo de disputas, conflitos e negociações de sentidos, significados e verdades sobre acontecimentos, eventos e temporalidades, tanto dentro da mesma comunidade afetiva quanto entre comunidades afetivas rivais.

PREÂMBULO AO “GOL DO PET”: O CAMPEONATO CARIOCA DE 2001

O primeiro Campeonato Carioca disputado no século XXI foi pensado em um modelo no qual o primeiro turno (Taça Guanabara) foi organizado de modo distinto do segundo turno (Taça Rio). Na Taça Guanabara, foram divididos dois grupos de seis equipes que jogavam entre si dentro do mesmo grupo. O primeiro colocado do Grupo 1 jogava com o segundo colocado do Grupo 2, e vice-versa, formando assim o chaveamento das semifinais. O vencedor de cada chaveamento disputaria a final em

¹⁵ POLLAK. Memória e identidade social, p. 5.

jogo único. Na Taça Rio, as doze equipes que participavam da competição jogavam entre si em um único grupo em um sistema de pontos corridos. A equipe que fizesse maior número de pontos após 11 partidas era considerada a campeã. O campeão carioca de 2001 seria então conhecido em uma terceira fase onde se enfrentariam em dois jogos o campeão da Taça Guanabara contra o campeão da Taça Rio. Se a mesma equipe fosse campeã das duas taças, ela seria automaticamente considerada a campeã carioca daquele ano. A equipe de melhor campanha e vencedora de um ou de outro turno entraria na terceira fase com a vantagem de decidir o campeonato precisando de dois resultados iguais – dois empates, ou; uma vitória e uma derrota com a mesma diferença de gols.

O Flamengo conquistou a Taça Guanabara após vencer o Fluminense nos pênaltis. O Vasco venceu a Taça Rio com oito vitórias, três empates e nenhuma derrota. A terceira fase para decidir o campeão do Campeonato Carioca aconteceria entre Flamengo e Vasco. O Vasco teria a vantagem de jogar por dois resultados iguais. E deu um grande passo para a conquista ao vencer o primeiro jogo por 2 x 1. Já o Flamengo (que fora campeão nos dois anos anteriores) após a derrota no primeiro confronto, necessitava ganhar por uma diferença de dois gols para conquistar o campeonato e ratificar o tricampeonato da competição.

Essa diferença foi conquistada no dia 27 de maio de 2001. O gol do título foi marcado em cobrança de falta, pelo então “camisa 10 da Gávea”, o atacante sérvio Dejan Petkovic (Pet), aos 43 minutos do segundo tempo. Era a terceira vez na história que o Flamengo conseguiria um tricampeonato em sequência (1942 a 1944, 1953 a 1955, 1999 a 2001) e só iria conquistar outra sequência de três títulos regionais vinte anos mais tarde (2019 a 2021).

UM EXERCÍCIO ANALÍTICO: REMEMORANDO O “GOL DO PET”

O “camisa 10 da Gávea” citado na epígrafe no início desse artigo era uma homenagem a Artur Antunes Coimbra, o Zico. A música da qual a letra é proveniente está no disco África Brasil, o décimo quarto do cantor e compositor Jorge Bem Jor. O disco foi lançado pela Philips Records em 1976, e possuía onze faixas. “Camisa 10 da Gávea” era a terceira faixa do lado B do disco de vinil.

Antes de analisar o “Gol do Pet” é necessário lembrar de Zico. Essa lembrança é necessária por vários motivos. Um deles se refere a mística da camisa 10 que desde Pelé foi sendo utilizada pelos melhores jogadores de cada equipe. A camisa 10 era usada por Zico e também por Petkovic. Zico em sua autobiografia relembra o momento em que atingiu o posto de titular e começou a vestir a camisa 10.

No final do treino, o Arilson veio me cumprimentar. Agradei a ele e passei pelo Joubert, que estava com uma expressão enigmática no rosto – era como se estivesse tentando desfazer um nó dentro da cabeça. No dia seguinte, recebi a camisa branca – havia ganhado a posição de titular do time. Logo receberia também a camisa 10 e passaria a jogar mais avançado, no ataque.¹⁶

Outro motivo se refere ao seu prestígio de craque na memória dos torcedores. Ele era o capitão da equipe que conquistou os maiores títulos do Flamengo na década de 1980, incluído a Libertadores da América e o Mundial Interclubes de 1981. Todos os torcedores flamenguistas entrevistados no projeto “Torcedores: vida, paixão e morte no país do futebol” se referem a escalação de 1981 como a mais significativa e indicam que Zico é o maior craque do Flamengo de todos os tempos.¹⁷ Mesmo que muitos deles nunca o tenham visto jogar e nem fossem nascidos na década de 80. Um dos informantes, ao falar sobre o maior craque da história do Flamengo afirmou: “[...] Eu vou ficar com o Zico porque ele é o maior. Fez mais gols, batia falta como ninguém. Que é exemplar. Pra mim é o Zico, mas eu podia listar 25 nomes tranquilamente. Eu não vi o Zico jogar pelo Flamengo [...]”.¹⁸

É importante ressaltar que a memória de Zico, como craque, pelos torcedores do Flamengo, não mobiliza em momento algum as passagens do jogador pela Seleção Brasileira, nem seus desempenhos nas Copas do Mundo de 1978, 1982 e 1986. Não há menção ao fracasso nas Copas do Mundo de 1978 e nem de 1982, assim como não há registro da sua quase vilania¹⁹ no pênalti perdido em 1986 contra a França. Também não há menção dos argumentos críticos de parte da imprensa esportiva e dos torcedores de outros clubes de que Zico era “jogador do Maracanã”. Segundo estas versões, Zico só jogava bem nesse Estádio, nunca se destacando em

¹⁶ COIMBRA. *Zico conta sua história*, p. 42.

¹⁷ GASTALDO. *Torcedores*, 2017.

¹⁸ *Angelus* RJ.

¹⁹ COSTA. *Os vilões do futebol*, 2020.

partidas decisivas disputadas em outras paragens. Na narrativa de seus críticos, no Maracanã, ele era o “Galinho de Quintino”; em outras praças, “o pavão misterioso”.²⁰ No relato dos torcedores, não há menção da passagem de Zico pela Itália, Japão e nem pela Secretaria Nacional dos Esportes na gestão do presidente Fernando Collor de Melo em 1990.²¹

Nas narrativas dos torcedores entrevistados, essas passagens da trajetória de vida do jogador são marcadas por esquecimentos e não-ditos. Pode se conjecturar que esses esquecimentos estejam relacionados ao fato de que muitas dessas situações extrapolam os enquadramentos da memória sobre Zico como “O” ídolo do Flamengo. Por outro lado, silenciar sobre críticas ao jogador do próprio clube pode indicar para a preservação de “ser punido por aquilo que se diz, ou ao, menos, de se expor a mal-entendidos”,²² como também uma tentativa de dificultar as provocações jocosas dos rivais: “A lógica aqui é a da adesão irrestrita ao próprio clube, em particular diante de torcedores adversários, o que implica o rechaço instantâneo de qualquer afirmação que a contrarie”.²³

Não dizer nada sobre a atuação de Zico na política pode indicar que esses campos não se misturam na perspectiva torcedora. Essa negação da associação entre futebol e política é um mote recorrente em falas de torcedores. Uma postura de silenciamento que passa pela... “Negação corrente tanto em meio letrados quanto entre homens comuns [...] No limite significa dizer que o futebol, para se legitimar como fenômeno social autônomo, precisou negar a política. É nesse lugar político de neutralidade que ele é reconhecido e quer se afirmar”.²⁴

Por fim, Zico era um goleador e um exímio cobrador de faltas. O gol do título da Copa Libertadores da América de 1981 foi em uma cobrança de falta de Zico, assim como foi de uma falta perfeita que o atleta se lembra quando recorda de uma de suas partidas mais celebradas pela imprensa do Rio de Janeiro.

Como apontam Assaf e Garcia:

²⁰ PACHECO. *Tragédias, batalhas e fracassos*, 2010.

²¹ HELAL. *Passes e impasses*, 1997.

²² POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio, p. 8.

²³ GASTALDO. As relações jocosas futebolísticas, p. 319.

²⁴ RIBEIRO. Futebol e política, p. 26.

Mal voltou ao Flamengo, Zico fez uma partida excepcional, no primeiro Fla-Flu da temporada, marcando os quatro gols da vitória de 4 a 1 sobre a “Máquina” tricolor (em 7 de março de 1976), no jogo que valeu a Taça Nelson Rodrigues, um deles numa cobrança de falta perfeita. “Foi a segunda vez que alguém fez quatro gols num Fla-Flu. E foi a melhor cobrança de falta que fiz nas vida. Tive que dar uma puta curva, com uma força, que a bola só podia entrar ali onde ela entrou, senão ele (o goleiro Renato) pegava. A bola foi na gaveta mesmo”, explica. O *Jornal dos Sports* caprichou na manchete – “Zicovardia”. Jorge Ben, notório rubro-negro, não resistiu e compôs “Camisa 10 da Gávea” [...].²⁵

Essas lembranças de Zico auxiliam na análise do gol de Petkovic, pois as semelhanças entre os dois jogadores passam pelo espaço ocupado e as funções desempenhadas em campo e fora dele – ambos eram lideranças carismáticas – o mesmo número da camisa e a incomparável técnica de cobrança de falta que resultavam em gols decisivos.

Pois bem, o gol de Petkovic foi marcado de falta aos 43 minutos do segundo tempo em um jogo decisivo contra o maior rival do Flamengo. A cobrança foi realizada à esquerda da grande área. Havia dez jogadores na barreira: oito do Vasco e dois do Flamengo, aumentando assim o grau de dificuldade da cobrança. Petkovic cobrou a falta com a perna direita e, após descrever uma curva, a bola foi parar no ângulo esquerdo do goleiro Helton, que pulou e não conseguiu alcançá-la.

Os torcedores lembram desse momento com dimensões de exatidão e detalhes distintos. Manuel viu pela televisão e relembra assim:

O mais recente foi o gol do Petkovic em 83 (sic), né. Aos 43. O Helton goleiro do Vasco estava defendendo tudo. E só não defendeu essa bola porque ela foi no ângulo mesmo. Não tinha quem pegasse mesmo. Parece que foi *guiado* mesmo. Mas tem vários gols, o do Zico de bicicleta [...] mas esse foi para todo mundo. Todo flamenguista fala desse gol do Petkovic.²⁶

Nívia estava no Maracanã e narra assim as suas lembranças:

Mas o gol do Pet, *eu estava atrás do gol. Eu vi a curva da bola* em 2001. Eu estava chorando e falando: ‘eu não posso perder pro Vasco!’ Eu vi Helton tomar aquele gol, que eu falei: ‘cara, se ele troca a mão, ele pega’. E a bola fez uma *curva inacreditável naqueles 43 minutos*.²⁷

²⁵ ASSAF; GARCIA. *Zico: 50 anos de futebol*, p. 69.

²⁶ Manuel AM.

²⁷ Nívia 24 RJ.

Mauro estava no Maracanã e faz da sua lembrança um exercício de exatidão e riqueza de detalhes sobre a sua percepção das espacialidades, temporalidades e emoções em curso antes, durante e após o evento:

Foi Petkovic. Segundo jogo da final do campeonato estadual de 2001. Vou até contar uma historinha para melhor significar o que é esse gol. O Flamengo tinha perdido o primeiro jogo da final por dois a um para o Vasco. *O Vasco tinha um time imbatível: Juninho, Luizão, Viola, Donizete Pantera. Era um time fantástico.* E o Flamengo tinha perdido o primeiro jogo. Antes disso os torcedores podiam comprar um pacote de ingressos para assistir os dois jogos das finais. Então quando o Flamengo perdeu o primeiro jogo por dois a um, a torcida do Flamengo estava um pouco desacreditada, achava que a gente não ia conseguir conquistar esse título até porque o time do Vasco era muito bom. E aí durante a semana as pessoas ficavam discutindo: ‘você vai no jogo?’ ‘Ah! vamos lá vamos ver o que vai dar’, e tal (voz desanimada). Enfim, a torcida do Flamengo é impressionante. *Mesmo com desconfiança conseguimos ser maior do que a torcida do Vasco.* E aí a equipe entrou em campo e a torcida foi gritando: ‘queremos raça, queremos raça’ (faz um movimento com o braço com se tivesse batendo um martelo na parede e o punho cerrado). Com isso aí o Flamengo começou a entrar em campo já vencendo o jogo por um a zero, mesmo com o placar em branco ainda. E os gols foram saindo, até o terceiro gol do Petkovic, que foi uma bola do Leandro Ávila do meio de campo. Ele avançou, tocou pro Edilson. O Edilson recebeu um toque por trás e o árbitro Léo Feldman marcou a falta aos *42 e meio do segundo tempo* (imita a movimentação de mão e braço do arbitro assinalando a falta). E depois o nosso grande Petkovic pegou a bola calmamente. Colocou ela ali no gramado (imita o movimento de colocar a bola no gramado). O juiz apitou, ele cobrou. *Eu estava atrás do gol.* Na arquibancada amarela antiga. *Vi aquela bola fazendo uma curva inacreditável* – parece que foi dez minutos em dois segundos. A bola fez uma curva inacreditável, o Helton o goleiro do Vasco pulou. Não conseguiu achar a bola e aí o Maracanã virou um pandemônio (balança a cabeça em negativa). Aquele gol foi fantástico. Assim é um dos momentos mais, eu vou levar na vida o momento do Maracanã. Aquele gol. Aquele gol do Pet.²⁸

Essas memórias apontam para uma série de dimensões que interseccionam os conhecimentos sobre ganhar do rival, gol aos 43 minutos do segundo tempo, curva da bola associada as dimensões corporais dos atletas e a disputa de sentido e da conquista de autoridade marcada pelos detalhes rememorados e pela presença no evento.

²⁸ Mauro RJ.

Ganhar do maior rival possui uma importância elevada e que torna-se mais relevante quando a conquista se dá em uma disputa de título. Mas nesse caso essa importância é adicionada a pelo menos outros quatro fatores: as narrativas dão conta de que pela competência durante o campeonato, o Vasco levava a vantagem nos confrontos na final – poderia jogar por dois resultados iguais ; além disso, as narrativas destacam a qualidade excepcional da equipe do Vasco, e em particular do seu goleiro; o Flamengo havia perdido o primeiro jogo e precisava ganhar por dois gols de diferença, e por fim era a oportunidade de conquistar um feito raro, o tricampeonato estadual em sequência.

O gol decisivo marcado aos 43 minutos do segundo tempo (é notável a referência a esse número exato nos relatos dos/as torcedores/as) revela a dificuldade da partida e o nível de tensão em que se encontravam as torcidas, e provavelmente os jogadores em campo. Dificuldade expressa por um dos torcedores através do desânimo aparente das conversas cotidianas sobre a presença ou não da torcida do Flamengo na partida, a posterior surpresa com o grande número de torcedores, os gritos de incentivo ao time na entrada de campo e a catarse coletiva após o gol – tanto de jogadores quanto de torcedores que se abraçavam, gritavam e se atiravam ao gramado.

A curva da bola é rememorada nas narrativas e suplementa a dimensão da temporalidade, além de evidenciar as dimensões corporais e a dificuldade do lance.

Como se sabe, os 43 minutos do segundo tempo sinalizam que foram jogados 88 minutos de partida implicando, sem os possíveis acréscimos determinados pela arbitragem, dois minutos para o término da mesma. Além disso, significa que o desgaste físico e emocional entre os atletas podem se fazer aparentes, tornando difíceis a concentração e a execução de movimentos corporais.

Quanto o torcedor recorda que Pet foi calmamente ajeitar a bola no gramado, essa ação sugere que o jogador estava concentrado e possuía o autocontrole de suas emoções. Portanto sugere um equilíbrio, uma tensão controlada que apesar de se esperar idealmente de atletas que praticam o futebol de espetáculo, no calor dos últimos momentos de um jogo decisivo, raramente é alcançado.

Ademais, a bola no ângulo, como que “guiada” indica alto grau de precisão e técnica de excelência no fundamento da cobrança de tiro livre direto. Para executar

de maneira perfeita o fundamento é necessário o domínio de uma complexa técnica corporal que depende da repetição persistente de treinamentos do encontro do pé com a bola. Bitencourt mobiliza uma série de autores clássicos, como Foucault, Mauss, Merleau-Ponty, para pensar as técnicas corporais construídas no centro de treinamento do DFC para formar os corpos-máquinas dos atletas e nos auxilia a pensar a dimensão corporal na execução do movimento necessário para cobrar com perfeição a falta.

Na perspectiva de Bitencourt,

Quando vemos um atleta treinando, repetindo mecanicamente os gestos técnicos para aperfeiçoar, o que temos é um corpo a se expressar, a tatear uma resposta ao objetivo proposto e, cada tentativa, na imitação da técnica mesma, ou seja, na *mimeses*, o momento criador e inventivo do gesto único e impensado que aquele instante cria. Assim, essa *mimeses* não se traduz em pura repetição, como gostaria o padrão mecânico de aprendizagem, mas já é *poesis*, pois da partitura de gestos possíveis é criada a harmonia que vai unir, pelo movimento, o corpo à bola e ao mundo.²⁹

Nessa repetição do corpo em relação ao mundo subjetivamente construído, o jogador precisa posicionar o seu pé em um certo ângulo que no contato com a bola em determinada posição de sua superfície faça com que ela tome uma direção em curvatura precisa em um ponto específico. Uma equação mental e corporal geométrica que ocorre antes que o jogador inicie a corrida para executar o fundamento e se completa com o gol que se materializa em uma forma de rara beleza estética – “uma epifania da forma no tempo e no espaço”, como argumentaria Gumbrecht.³⁰

A dimensão corporal também é evidenciada na destreza do goleiro adversário e numa possível falha na decisão do salto, da impulsão e sincronia com as mãos. Ele estava defendendo tudo, como indica um dos torcedores. Exceto aquela cobrança, que foi feita num espaço quase inalcançável, pois na percepção de outro torcedor houve um equívoco na decisão de posicionamento e mobilidade corporal. Se ele trocasse a mão; pegaria a bola, e então o gol não aconteceria e as memórias seriam outras.

²⁹ BITENCOURT. *O ciborgue e o futebol*, p. 208.

³⁰ GRUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*, p. 134.

Por fim, essas narrativas dos/as torcedores/as rubro-negros apontam para a importância da presença em campo e da lembranças em detalhes para construir a autoridade da memória do gol na disputa de sentido sobre aquele evento.

A experiência compartilhada de “estar lá” e interpretar o evento a partir da observação direta, presencial adquire uma qualidade de prestígio e autoridade para os torcedores rubro-negros, na medida em que valoriza o torcedor que frequenta o estádio com relação àquele que assiste em casa.³¹ E isso não é pouco, pois quem vai ao estádio está sujeito às inseguranças do encontro e a possibilidade de confronto com os rivais, policiais e torcidas organizadas do próprio clube, e esta presença em pessoa tende a construir a realidade sobre o jogo de uma perspectiva espacial distinta daquela dos especialistas esportivos – jornalistas, narradores e comentaristas –, experimenta sentimentos diversos na companhia de estranhos e experimenta o jogo em uma temporalidade própria – sem repetições de jogadas polêmicas e gols.³²

Nesse sentido, se posicionar no Maracanã na arquibancada, no setor amarelo, atrás do gol e ver a curva da bola deste ângulo manifesta um nível de conhecimento diverso daquele de assistir o jogo pela televisão ou ouvir pelo rádio.³³ E afirmar isso nas narrativas de memória do “seu” gol inesquecível representa um prestígio que acrescenta valor na balança de autoridade e disputa de sentido das recordações entre torcedores. Estar lá e observar com os próprios olhos também pode indicar um alto nível de comprometimento com o time e um dispêndio de tempo, recursos e disposição que demonstram que esse sujeito não é um torcedor insignificante, mas alguém que, na condição de “testemunha ocular da história” possui legitimidade e autoridade para falar sobre o evento.

O mesmo ocorre com as lembranças de detalhes. No caso do torcedor flamenguista Mauro, os detalhes extrapolam o jogo em si. Há lembranças da semana que antecedeu a partida, há lembranças das dúvidas sobre a presença e ausência da torcida no jogo, há a exaltação da própria torcida após presenciar o número de torcedores que adentraram o Estádio e os gritos de incentivo da torcida. Há o

³¹ CLIFFORD. *A experiência etnográfica*, p. 34-35.

³² BERGER; LUCKMANN. *A construção social da realidade*, 2001.

³³ ELIAS. *A sociedade dos indivíduos*, 1994.

detalhamento da troca de passes que resultou na falta e no conseqüente gol. Há a lembrança dos nomes dos jogadores do seu time e do rival, e do árbitro da partida. Há a lembrança das sensações temporais e emoções em decorrência do gol. E todas essas memórias estão incorporadas nos gestos que encenam a coreografia da torcida, o choque que resultou na falta, as decisões do árbitro, a curva da bola no ângulo e da catarse final com o título. Todos esses elementos do “estar lá” compõem assim uma parcela fundamental para dotar de autoridade, credibilidade e legitimidade o relato do observador e estabelecer a sua perspectiva como a mais válida na disputa dos múltiplos sentidos sobre o evento “Gol do Pet”.

CONCLUSÃO

Este artigo abordou o evento “Gol do Pet”, na final do Campeonato Carioca de futebol de 2001, para evidenciar a tessitura da memória como processo social e de disputa de sentidos através da entrecruzamentos de narrativas de alguns torcedores do Flamengo.

A reflexão sobre a memória como processo social salientou as características que fazem das recordações serem vinculadas a uma comunidade afetiva. Portanto trabalho de construção coletivo que suscita sentimentos de pertencimento e associa temporalidades distintas – experiências vividas ou transmitidas no passado e depoimentos narrados no presente. Além disso, pela pluralidade e multiplicidade de lembranças e de grupos que as movimentam, as memórias são sujeitas a disputas e conflitos pelos seus sentidos, coerências e veracidade. Há sempre narrativas que concorrem para definição correta, definitiva, mais representativa e legítima de determinado evento.

As memórias do “Gol do Pet” colocaram em disputa várias dimensões do conhecimento da tradição clubística, do entendimento de temporalidades e suas tensões, da compreensão de técnicas corporais, dificuldades em executar movimentos e beleza estética da geometria do espaço percorrido pela bola até alcançar a rede e por fim, e talvez mais importante para definir a disputa, a dimensão da autoridade e credibilidade do estar presente no local em que o evento ocorreu e ver o lance sem mediações tecnológicas.

A dimensão da tradição clubística aponta para a semelhança entre Zico e Petkovic. Ambos possuíam o prestígio de utilizar a “camisa 10 da Gávea”, como também se assemelhavam na liderança, na ocupação das mesma posição e desempenho da mesma função que possuíam dentro do campo. Ambos eram exímios cobradores de falta e fizeram gols importantes em decisões de título de campeonato.

A dimensão da temporalidade está ligada no primeiro momento ao lance decisivo e a temporalidade da partida. Final de jogo e tensões relativas as dificuldades de cobrar uma falta e de superar o maior rival estando em desvantagem tanto em qualidade de material humano quanto em desvantagem no placar. No segundo momento, a temporalidade vai além dos 90 minutos e são lembrados a semana anterior ao jogo, as dúvidas sobre a participação da torcida no evento, a surpresa com a quantidade de participantes antes do início da partida e a catarse logo após o gol e o final da partida.

A dimensão técnica corporal de execução do movimento para cobrar a falta, da percepção da curva da bola no ângulo e da decisão equivocada do arqueiro rival entrelaça conhecimento adquiridos de vários matizes. Da tradição clubística em possuir cobradores de falta de excelência. Da frequência da experiência vivida na assistência de partidas seja ao vivo, midiaticizada ou na transmissão coletiva de eventos “vividos por tabela” para perceber a dificuldade da execução perfeita do fundamento e da impossibilidade da defesa do goleiro. Do olhar socializado para ver a curva da bola e atribuir sentido de beleza ao que se está vendo em comparação a todas as outras vezes em que a bola bateu na barreira, foi defendida ou passou longe das traves do goleiro. Da percepção que o movimento corporal do goleiro, por um detalhe de decisão motora, poderia alterar o desenrolar do lance e das lembranças subsequentes.

Por fim, a dimensão da autoridade que acentua e realça a disputa de sentidos nas narrativas sobre o “Gol do Pet”. A autoridade é um elemento acionado pelo “estar lá”. A presença no evento é acrescida da descrição em detalhes da ocupação do espaço, dos sons e sensações vividas, dos sentimentos e emoções envolvidos antes, durante e depois do evento. Tudo isso, com o auxílio da mimese corporal dos acontecimentos em campo, faz desse tipo de narrativa uma forte concorrente na versão ‘definitiva’ do evento. Nesse caso, ver a curva da bola estando lá é primordial na disputa de sentidos, pois como os depoimentos levam a crer: a proximidade do

evento vivido no local em que ele se desenvolve, sem mediações dos meios de comunicação, concede credibilidade tanto para a experiência do narrador quanto para a forma definitiva da construção da realidade relatada.

* * *

REFERÊNCIAS

- ASSAF, Roberto; GARCIA, Roger. **Zico**: 50 anos de futebol. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2003.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **O ciborgue e o futebol**: corpo, biopoder e *illusio* no reino do quero-quero. Curitiba: Appris, 2020.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- COIMBRA, Arthur. **Zico conta sua história**. São Paulo: FTD, 1996.
- COSTA, Leda Maria da. **Os vilões do futebol**: jornalismo esportivo e imaginação melodramática. Curitiba: Appris, 2020.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre; EdUFRGS, 2002.
- DURKHEIM, Émile. **Os pensadores**: Émile Durkheim. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**. Rio de Janeiro, n. 16, v. 2, p. 311-325, 2010.
- GASTALDO, Édison. **Torcedores**: vida, paixão e morte no país do futebol. Rio de Janeiro: CEP/FDC, CNPq, 2017.
- GRUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PACHECO, Leonardo Turchi. **Tragédias, batalhas e fracassos**: as derrotas brasileiras nas Copas do Mundo (1950-1982). Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 203-211, nov. 1998.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e Política. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 25-43.

FILMOGRAFIA

TORCEDORES: vida, paixão e morte no país do futebol. Direção: Édison Gastaldo, Brasil, 2019, (62min), sonorizado, colorido disponível em: <https://bit.ly/3kyjjjS>.

* * *

Recebido em: 17 de dezembro de 2021.
Aprovado em: 31 de janeiro de 2022.